

GRUPO DE ENCONTRO EM ESPAÇO ESCOLAR: LUGAR DE FALA E ESCUTA DA DOR- RELATO DE EXPERIÊNCIA ABORDANDO O SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA ÉTICA E HORIZONTALIZADA.

Fátima Nascimento Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

Ana Cláudia Rodrigues Pina

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

Moane Carvalho Aguiar

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

Jeciana das Virgens Botelho

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

RESUMO:

Neste artigo apresenta-se um trabalho de cunho qualitativo baseado em relato de experiência e observação participante acerca de um Grupo de Encontro realizado em uma instituição pública, tendo o suicídio como pauta. O direcionamento do encontro foi embasado no modelo de grupo proposto por Carl Rogers, bem como nas três atitudes facilitadoras da Abordagem Centrada na Pessoa; congruência, empatia e consideração positiva incondicional, cujo objetivo foi ser, em um encontro significativo, presença mobilizadora das potencialidades grupais e pessoais dos membros presentes. Outrossim, buscou-se, a partir desta vivência e bibliografia específica, reiterar a importância dos Grupos de Encontro e caracterizá-los como espaços necessários ao ser humano, já que este é um ser que se relaciona e se desenvolve também diante dessas interações sociais. Consideramos que esta prática se constitui como um fazer aberto ao novo, pautado no respeito à vida outra em suas particularidades e para com ao devir humano, diante disso, os resultados apontam que grupos de encontro se constituem terapêuticos e éticos, oferecendo um clima seguro para o sujeito se movimentar frente às suas questões. Por fim, entendendo o quanto que locais que dão espaço a fala e que são direcionados à uma escuta potente e sensível, são pertinentes ao processo de formação dos alunos e devem ser ainda mais considerados nas escolas, pelo fato de que os alunos são sujeitos em desenvolvimento, interessando assim, como ponto de reflexão à educação, familiares e Estado, para assegurar com prioridade o direito e respeito à vida em sua totalidade.

Palavras-chave: Escola. Grupo de Encontro. Suicídio.

1. Introdução

O conteúdo deste trabalho é consistido em um relato de experiência vindo de um grupo de encontro realizado com escolares na cidade de Vitória da Conquista, em setembro de 2018. O fio condutor desta vivência foi o modelo de grupo de encontro proposto por Carl Rogers, pelo qual é uma prática grupal não diretiva que objetiva promover potencialidades, ao grupo e seus membros, para abertura ao futuro e ao infinito, focando nas relações humanas e

significados que estão sendo construídos a partir delas, assim, visa fazer com que os integrantes se aproximem das suas próprias experiências de modo que os seus sentidos sejam aprofundados.

A proposta de realização do grupo veio através da direção de uma instituição pública do município, devido ao mês vigente na época (setembro) e o que este simboliza, já que nele é levantado, mundialmente, uma campanha do Setembro Amarelo para a prevenção ao fenômeno. Entende-se, então, que o suicídio é de fato uma questão de saúde pública, devido a sua complexidade e seriedade, diante disso não dá para tratá-lo com indiferença, já que os índices estão aí para provar o quanto que ele é real e é sério. Portanto, abordar de forma séria este fenômeno é de extrema urgência na nossa sociedade, principalmente diante do seu impacto social, já que ele afeta, além do suicida, os familiares, amigos e sociedade como um todo.

Dados levantados pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2018 apontam o autoextermínio como sendo a segunda principal causa de morte de pessoas entre 15 a 29 anos de idade em 2016. Assim, entendendo que boa parte deste público ainda está na fase escolar, é importante ressaltar que as instituições escolares, devido às diversas complexidades que nelas envolvem diariamente, podem se constituir como um estressor potencializador para o ato e, diante disso, é crucial que tais lugares promovam espaços nos quais visem romper com silêncios e tabus, vindo tratar com seriedade sobre o tema, já que estamos falando de suicídio em uma sociedade capitalista fundada na operação de subjetividades.

Portanto, respeito pelo outro, por sua história, a consideração por sua fala e a confiança pelo crescimento da pessoa, foram denominadores comuns que estiveram presentes na postura das facilitadoras durante o encontro. Essas são atitudes perante a um modo de ser em psicoterapia, em grupos ou em quaisquer outras práticas vindas de correntes teóricas pautadas em pensamentos humanistas e existencialistas. Sobre a visão do ser humano, ressalta AmatuZZi (2012) ao dizer que uma visão que se apoie na percepção de um valor original e único da pessoa, é uma visão ética e tem repercussões práticas na vida de relações pessoais, sociais e até políticas, outrossim, foi com este modo de ser, com esta visão do outro que as facilitadoras se colocaram no encontro, um modo de ser, que é diferente de um modo de fazer, já que quando se usa essa última expressão têm-se ideias de técnicas e que vão em contradição ao que foi proposto, ao passo que o compromisso ali foi com o devir humano e não meramente com técnicas comuns que foram e são aplicadas a grupos. Naquele espaço,

houve aceitação incondicional, autenticidade para ser o que é e compreensão empática entre todos os membros presentes.

Assim sendo, para que o grupo pudesse ocorrer foi necessário criar um clima psicológico seguro, fazendo com que o indivíduo pudesse se sentir ouvido e respeitado, obtendo o respeito dos outros membros, ao passo que pudessem escutar e respeitar verdadeiramente a fala do outro. Do mesmo modo, foi crucial confiar no processo grupal, na sua direção e compreender que aquele lugar seria um lugar de encontro no qual membros e facilitadores se afetariam, já que ambos fariam parte do processo. Para tanto, as atitudes das facilitadoras foram extremamente importantes, já que passaram a desvincular o papel de líder e confiaram no aqui e agora, aceitando o grupo exatamente no ponto em que ele estava e passando a acreditar em seus processos únicos e potencializadores, já que não haviam objetivos previamente predefinidos, pois tudo foi construído por todos naquele momento. Acerca do processo grupal, afirma Rogers:

Creio que a maneira como sirvo de facilitador é importante na vida do grupo, mas o processo de grupo é muito mais importante do que as minhas afirmações ou o meu comportamento e desenrolar-se-á se não o contrariar. Tenho certeza de que me sinto responsável para com os participantes, e não por eles. (ROGERS, 1972, p.54)

Cumpramos também, com a atual conjuntura, imersa em desrespeito com a singularidade humana, discutir a importância de espaços escolares que sejam abertos para a alteridade, para a escuta da dor do outro e respeito aos mundos outros, já que falar de espaço que promovam abertura para o novo e que não esteja pautado no individualismo ou repressão, é falar de relações horizontalizadas pautadas na ética. Também é pertinente levar discussões necessárias frente aos fenômenos sociais contemporâneos, bem como tratar da importância destes espaços de modo que venham a ser inspiradores para a sociedade se abrir à um caminhar diferente do qual está acostumada. Vale ainda reiterar a necessidade desta sociedade vir portar-se de um modo pelo qual se direcione ao respeito e consideração pela história do outro, por seus sentimentos e seus significantes. Cabe então ressaltar o quão perigoso é a postura social carente de olhares panorâmicos, já que esta vem tendo uma crescente tendência de silenciar e ignorar os sujeitos, e isso recai em um jogo perigoso, especialmente quando silencia problemas sociais, pois entende-se o quanto que essas mortes denunciam algo sobre a vida e essa denúncia muitas vezes pode ter passado despercebido ainda em vida.

1.1 Formação de Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa

Carl Rogers, personalidade do século XX (1902 – 1987) foi um psicólogo americano revolucionário para a Psicologia e para a prática de atendimentos clínicos, pois formulou uma abordagem que passou a ter olhares outros acerca do sujeito, olhares para além daquilo que até então se estava acostumado, já que ele se implicou em facilitar o processo terapêutico para as pessoas para além de técnicas. Este novo caminhar da Psicologia, passa a ser consistido no encontro humano e em uma postura do terapeuta em acreditar verdadeiramente nas potencialidades do sujeito e em sua tendência de se atualizar frente às adversidades, favorecendo um clima psicológico seguro na sessão para encontrar, seguindo a intenção da pessoa, os melhores caminhos para este se movimentar. Vê-se então, que o sentido de ser terapeuta toma outro direcionamento, quando este agora vai se direcionar para a pessoa, para os seus sentimentos e movimentos que vão sendo construídos a partir dele, e não mais em problemáticas ou no foco de ser um terapeuta detentor de um saber, saber este que muitas vezes era inacessível ao outro. Vale dizer que Rogers não negava os outros saberes, apesar das suas críticas a eles.

No século XX. Maslow direciona um movimento ao qual denomina de Psicologia Humanista, este movimento passa a olhar para aquilo que há de mais profundo no ser humano, focando nas suas capacidades, no que ele poderia fazer e não no que já havia feito. Assim, neste período, excepcionalmente na América Central, foi retomado temas antigos que até então haviam sido deixados de lado pelas abordagens tradicionais, AmatuZZi (2012, p.33) cita estes temas sendo: a saúde psicológica, a capacidade de escolha, a criatividade, a autorrealização, o compromisso comunitário, o envolvimento político, a abertura espiritual, enfim, tudo aquilo que devolve para o sujeito o seu papel ativo.

Isto posto, a ACP nasceu a partir do resgate destes temas ‘esquecidos’, surge de uma prática de um americano, cujo uso de manuais ou instruções que pudessem direcionar o atendimento foram deixados de lado, e passa a focar na crescente da pessoa, na profundidade da relação inter-humana e aposta pela autonomia. A autonomia é entendida como a capacidade que o ser humano tem de orientar sua própria vida de forma positiva para si mesmo e para a coletividade (AMATUZZI, 2012, p. 18). E podemos ratificar que essa atitude, ancorada em diálogos profundos, na construção de afetos e valores pelo outro por sua história

e sentimentos, é uma atitude ética. Atitude aqui refere-se a uma disposição e não a comportamento, já que uma atitude nem sempre determina o mesmo formato de comportamentos, tendo em vista que os comportamentos podem variar e ter a mesma atitude.

Consideração Positiva Incondicional, Empatia e Congruência são o tripé das atitudes necessárias ao terapeuta, cuja linha de ser em psicoterapia esteja embasada na Abordagem Centrada na Pessoa. A construção desta abordagem se deu a partir das próprias experiências de Rogers enquanto terapeuta e nas observações que vinha fazendo em suas práticas, quando via o quanto que uma postura de se direcionar através de uma atitude calcada em uma relação acolhedora, empática e compreensiva, fazendo com que a sessão tome direção a partir do conteúdo que a pessoa atendida traz, dos seus sentimentos e os movimentos que vão sendo construídos a partir dela mesma, é eficaz, potencializadora e terapêutica. Claro que sua construção não foi fácil, ao passo que a postura de muitos psicólogos, diríamos que a maioria deles, implica-se a se direcionar ao problema, ao diagnóstico e cura, e é sabido que muitas destas formas de atendimentos deterministas estavam enraizadas na psicologia bem como na visão de mundo da sociedade que pensava/pensa no homem apenas pelo viés de sendo resultado de algo. Portanto, a ACP passou por diversas pesquisas e formulações até se concretizar e provar sua eficácia.

Hart (1970) apud Amatuzzi (2012) falam dos períodos de desenvolvimento da abordagem, definindo-o em três. Como umas das primeiras manifestações da ACP nasceu a Psicoterapia Não Diretiva e, neste período foram sendo explicitados suas características e resultados, o foco estava nas atitudes do terapeuta, em suas reais disposições, pelas quais viessem a confiar na potencialidade das relações com uma criação de uma atmosfera permissiva. E isso deu certo, as pessoas passaram melhorar e ter autonomia sobre suas vidas. Então, surge a necessidade de pesquisas científicas para mostrar a eficácia desta abordagem e, a partir de então, esta foi tendo caracterização de conceitos, tais como: não diretividade, tendência ao crescimento; compreensão empática; consideração positiva incondicional; congruência. Posteriormente, surge a fase reflexiva, uma fase voltada para os reflexos de sentimentos e o cuidado para ameaça do eu. O nome foi reformulado para Teoria Centrada no Cliente - TCC, pois haviam críticas quanto a outra nomenclatura quando parecia que esta não se direcionava a nada. Aceitos pela comunidade científica e seguros do que estavam fazendo, voltaram para análises e estudos empíricos, estudando a forma de verbalização dos terapeutas e caindo em uma contradição ao que a teoria pregava, que não estava no âmbito do terapeuta, mas no da relação. Foi-se então percebendo que a TCC não era a mesma coisa que a ACC,

mas que uma influenciava a outra e com isso, surge uma terceira fase: o período da psicologia experimental - estando esta mais penetrada na subjetividade e experiencição do cliente, facilitando mais o sentido da vivência do que o intelectual e foi compreendido que esta relação estava além da lógica racional. Foram construídas escalas para avaliar o processo da relação, ampliando o arcabouço teórico da abordagem, atravessando pela fenomenologia, por exemplo.

Com o passar do tempo, esta prática passou a penetrar em outros campos de atuação. Passou a ser implementada em workshops, grupos de encontro e escolas e, por conta deste leque de atuação, a nomenclatura passou a ser mais abrangente e passou a ser comum falar em Abordagem Centrada na pessoa, falando além das atitudes do terapeuta, trata da qualidade de relação de uma vivência, sendo assim, a psicoterapia passa a ser um dos campos de aplicação da ACP. Nesse sentido, Wood (s.d) apud Amatuzzi (2012) fala de um quarto período da abordagem; pelo qual vem surgir novas tendências teóricas, este surge após a morte de Rogers em 1987 e vem sendo ancorado em suas contribuições através de teóricos contemporâneos.

Como foi supracitado, os métodos desta abordagem foram sendo ampliados à diversas outras práticas, sendo que dentro destas se direcionou às relações grupais - às quais Rogers denominou de Grupo de Encontro. Este é um fazer cujos objetivos não são pré-definidos, o que nele objetiva é uma relação fecunda e potente para o encontro do outro que ali se relaciona, o que interessa é o processo do grupo e a confiança que se tem neste diante ao potencial das relações vivenciadas e compartilhadas. Acerca disso, pensa Amatuzzi (2012, p.61) a profundidade de um processo psicológico, depende muito mais da disposição interior do sujeito em sua relação com o profissional, do que com uma definição prévia externa.

Portanto, cabe ao facilitador diluir papéis, confiar no grupo em desenvolver suas próprias particularidade e concentrar-se em seus movimentos e nos significados que vão sendo construídos. O que o compete é facilitar a comunicação e o encontro, para que ali seja construído um clima psicológico de facilitação e então fazer com que a pessoa venha se sentir respeitada, segura e à vontade para estar inteira ali. Também é importante fazer com que o facilitador sinta-se à vontade, já que este também faz parte do processo, pois a partir disso, as possibilidades de obter movimentos significativos para o membro ou com o processo grupal se intensificam.

2. Metodologia

Neste artigo apresenta-se um trabalho de cunho qualitativo, baseado relato de experiência e observação participante, pois, como explica Silva (1998) citando Bogdan e Biklen (1984) “[...] Na pesquisa qualitativa o pesquisador é o instrumento principal, além de ser uma pesquisa mais descritiva e o seu interesse está mais ligado ao processo do que pelos resultados e produtos da pesquisa.”. Deixando então o investigador mais livre para fazer seu trabalho. Sobre observação participante Minayo (2009) destaca sua importância para se obter sucesso no processo investigativo:

A observação participante por ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia de conjunto da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade. (MINAYO, 2009, p.70)

Nesse sentido, o trabalho foi baseado em um relato de experiência, realizado em uma escola pública do município de Vitória da Conquista, com o intento de caracterizar a importância de um espaço de fala e escuta dentro do âmbito escolar caracterizado no Grupo de encontro fundamentado na teoria Rogeriana, podendo assim fazer também uma reflexão acerca de como este pode tornar-se terapêutico. A reflexão proposta aqui se dará de acordo com as observações feitas no próprio grupo apoiado em bibliografia específica.

3. Relato do Grupo de Encontro com escolares

Seguindo o Tripé da ACP e sem lideranças, aconteceu o Grupo de Encontro abordando o suicídio no dia 21 de setembro de 2018. A conversa durou aproximadamente uma hora e trinta minutos, contando com a participação de mais ou menos vinte oito adolescentes.

Iniciou-se o grupo falando um pouco sobre o significado do Setembro Amarelo e a história por trás da campanha. Frisou-se também a importância de discutir a temática suicídio a partir da realidade concreta, indo além das discussões propagadas pela mídia e redes sociais, neste momento foi solicitado ao grupo o sigilo de tudo que seria dito ali. O grupo iniciou com falas impessoais e com comentários acerca de casos que tiveram destaque mídia, até uma das pessoas relatar seu sentimento acerca da morte de um parente próximo, a partir desta fala, foi

questionado aos demais membros o que cada um sente ao ouvir o relato desta experiência e de que forma o próprio sofrimento é encarado. Um jovem relatou então que o sofrimento dele está voltado para os desafios dos padrões construídos culturalmente, pois ela afirma não se enquadrar nos padrões de beleza da sociedade vigente e isso abala a sua autoestima. Além disso, falou do incômodo da falta de atenção que as pessoas hoje em dia não dão uns aos outros, dizendo que o mundo virtual se sobrepõe ao real, com essa fala abriu-se um debate acerca das relações na própria escola e que, muitas vezes, o(a) colega pode estar sofrendo e outras pessoas não lhe dão atenção por estarem preocupadas com o mundo virtual. Foi então perguntado se todos concordam que a sociedade prioriza mais as relações virtuais que o contato direto e todos concordaram. Um participante chamou atenção para o silêncio de muitas pessoas, que isso pode ser um pedido de ajuda, mas que, na maioria das vezes, as pessoas não entendem isso e o sujeito acaba por tirar sua vida. Ao decorrer do grupo, paulatinamente, o/as integrantes foram falando mais sobre seus sentimentos e sofrimentos (neste momento parecia que eles tinham entendido que o suicídio não é apenas o ato em si, mas que existem outras formas de se matar) foi relatado então casos de automutilação e pessoas com pensamentos suicidas (alguns casos já superados), também casos de sofrimentos que poderiam gerar tais atos, como o de sentir-se rejeitado pela própria mãe, foi trabalhada essa questão e outros depoimentos semelhantes surgiram, no momento trabalhou-se a forma como cada um(a) encarou e superou o sofrimento. Diante disso, foi levantado o questionamento ao grupo sobre quais são as possibilidades de cada um(a) perante o sofrimento e qual o sentido de vida que ainda os mantêm vivos(as).

A questão da fé foi levantada pelos alunos como estratégias para lidar com problemáticas o suicídio, outros acreditam em ajuda profissional, o diálogo e comunicação também apareceu como estratégias.

As estagiárias finalizaram o momento do encontro vivencial afirmando que cada sujeito vive em busca pelos sentidos de existência, alguns se apoiam na fé, outros em âmbitos diferentes da vida, e assim cada indivíduo vai tentando encontrar meios para encarar os sofrimentos, analisando o que há ainda de possibilidades para manter-se vivo (a).

4. Análise e Discussão

Entendendo que a escola deve ser um espaço que permita uma assistência direcional para jovens, adultos e crianças bem como engloba pessoas de múltiplas personalidades e

histórias de vida que podem afetar o desempenho dos alunos em sala de aula, compreendemos que discutir as problemáticas que envolvem esses atores escolares e como um espaço de fala e escuta da dor pode auxiliá-los nesses processos, faz-se de fundamental importância.

Para Patto (1997) O sistema escolar deveria ser algo objetivo e aberto, cumprir com sua função social de tornar pessoas críticas e capacitadas socialmente, compreendendo suas vivências de vida e o contexto a qual estão particularmente inseridas. Se tem, deste modo, uma consideração pela realidade histórica, social e cultural em que vive o educando e os demais componentes da comunidade escolar e não apenas um olhar raso sobre esses processos. Dessa forma, se valida a proposta do processo do Grupo de encontro.

Já se sabe que os grupos sem um líder específico são tão eficazes quantos os que o possuem, além disso são terapêuticos assim como uma consulta clínica, claro que cada um com suas singularidades como tempo, uso de recursos e forma de trabalho. Uma pesquisa, feita pelo próprio Carl Rogers intitulado como “Estudo Fenomenológico das Consequências” comprova a eficácia e os impactos na vida de seus clientes trazidas pelos grupos de encontro.

Rogers (1972) cita seis fases em um dos seus livros dedicado especialmente à discussão dos grupos de encontro terapêuticos, são eles: **Primeira fase**- Pouca vontade de falar e comunicar do eu. Há muita desconfiança e rigidez perante o grupo. **Segunda fase** - O indivíduo já fala do eu, mas como algo despersonalizado **Terceira fase** - descrevem-se em abundância os sentimentos e os significados pessoais que não estão presentes agiram estes sentimentos são frequentemente descritos como inaceitáveis ou maus. **Quarta fase** - os sentimentos e os significados pessoais são descritos livremente como objetos presentes, pertencentes ao eu. **Quinta fase** - os sentimentos são descritos livremente agora são reconhecidos e aceitos. **Sexta fase** - os sentimentos que antes eram negados são agora experienciados de um modo imediato e com aceitação. Há agora uma iniciativa de enfrentamento dos problemas.

Dentro dessa perspectiva, percebeu-se que o Grupo de Encontro se tornou um encontro terapêutico para os participantes, à medida que os mesmos foram se implicando no processo, deixando de lado as falas superficiais e impessoais sobre o tema, passando então a falar de suas próprias dores e , paulatinamente, o encontro grupal se tornou um espaço de fala e escuta da dor e de compreensão como o outro lida com suas questões. Foi nítido o processo

de implicação dos alunos ao grupo de encontro e como alguns passaram rapidamente pelas 6 fases descritas por Rogers, tornando a significativa a experiência grupal.

5. Considerações Finais

Percebe-se que a dinâmica do Grupo de Encontro pode promover a abertura de debate acerca da possibilidade de uma nova forma de se trabalhar dentro de espaços escolares, à medida que propõe um trabalho grupal de fala e escuta que pode se tornar terapêutico, quebrando com a dinâmica linear do processo de educação em que os alunos estão acostumados; ainda, o grupo de encontro pode promover o que Patto (1997) pensa acerca do que o ambiente escolar deve proporcionar a seus atores em serem pessoas “ críticas e capacitadas socialmente, compreendendo suas vivências de vida e o contexto a qual estão particularmente inseridas”, cumprindo assim o que a autora acredita ser o Papel social da escola.

Entendendo o quanto que locais que dão espaço a fala e que são direcionados à uma escuta potente e sensível, são pertinentes ao processo de formação dos alunos e devem ser ainda mais considerados nas escolas, pelo fato de que os alunos são sujeitos em desenvolvimento, interessando assim, como ponto de reflexão à educação, familiares e Estado, para assegurar com prioridade o direito e respeito à vida em sua totalidade.

Por fim, que o grupo se deu de forma bastante positiva, foi nítido como muitos alunos se implicaram no processo grupal e passaram pelas seis fases descritas por Rogers (1972) mesmo com um tema ainda tido como tabu pela sociedade e com apenas um encontro. Vale ressaltar a importância que um grupo de encontro pode ter dentro das escolas ajudando os alunos a lidarem com situações adversas e, essa forma de se trabalhar poderia diminuir os impactos das cargas emocionais dos alunos em seu desempenho escolar.

REFERÊNCIAS:

AMATUZZI, M. M. Rogers: **Ética humanista e psicoterapia**. Campinas - SP: Editora Alínea, 2012. 2 edição.

SILVA, R.C.A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p.139-174.

MINAYO, Cecília de Sousa. Trabalho de campo: Contexto de observação, Interação e Descoberta in: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2009. P. 61-77.

PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à Psicologia Escolar**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

Rogers, C.R. **Grupos de encontro**. Lisboa, Ed. Moraes, 1972.

UNITED NATIONS, **800,000 People Commit Suicide Every Year: WHO?** In Notícias da ONU 2018. Online, Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2018/09/1018761>> Acesso em: 14 de abril de 2019.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S):

Autora1: Fátima Nascimento Oliveira- Graduada em Psicologia-UESB. Brasil. Participante do Grupo de estudos do Núcleo de Pesquisas em Psicologia (NUPEP) linha: Desenvolvimento, saúde e educação. E-mail: fatima.n.o@outlook.com

Autora2: Ana Cláudia Rodrigues Pina Discente do nono período do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; País: Brasil. Extensionista Voluntária do Projeto Plantão Psicológico – UESB; Extensionista voluntária do Projeto para Estudantes de Psicologia – PROEPSI; Membro voluntariado Núcleo de Pesquisa em Psicologia – NUPEP. E-mail: anacrp10@gmail.com

Autora3: Moane Carvalho Aguiar; Graduada em Lic. em História- UESB, Graduada em Psicologia-UESB. Brasil. E-mail: moanepsi@gmail.com

Autora4: Jeciana das Virgens Botelho- Mestre em Psicologia Clínica- PUC-SP. Docente de Psicologia na UESB, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Colegiado de Psicologia. Brasil. E-mail:jeciana.botelho@hotmail.com